



## Comunicação Oral

### O SENTIDO DA PARCERIA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Care Cristiane HAMMES<sup>1</sup> (SEMED – Dourados)  
Franchys Marizethe Nascimento SANTANA<sup>2</sup> (UFMS – Aquidauana)  
Neidi Liziane Copetti da SILVA<sup>3</sup> (SEMED – Campo Grande)

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo compreender que a fragmentação dos conhecimentos nas diferentes disciplinas aponta à necessidade de estabelecer o diálogo como fonte de inspiração para entender a complexidade da perspectiva interdisciplinar. Metodologicamente pode ser desenvolvida na forma como as práxis se organiza, no diálogo entre os professores e destes com os alunos, como são estabelecidas as etapas de trabalho, os espaços que são ocupados, as fontes que servem como referenciais, a forma como são construídos os conceitos e outros. Para essa finalidade explorou-se um conjunto de conceitos dos teóricos que discutem sobre a interdisciplinaridade, como Fazenda (2003); Santos (2004); Japiassu (1976); Fernandez (1999) e outros. Acredita-se que por meio de parceria nas ações interdisciplinares é possível realizar uma parceria entre as disciplinas como forma de possibilitar a construção de uma melhor percepção da noção de tempo e espaço. Dessa forma são estabelecidas redes, contatos com o mundo-vida, com os lugares locais ou globais, imaginados ou virtuais, enfim, com a educação em sua função de repensar a caminhada humana. Os conceitos a serem trabalhados em um ambiente interdisciplinar necessitam ser apresentados de forma contextualizada para que adquiram um significado e tenham sentido. A fragmentação do conhecimento não conduz à crítica, pelo contrário, se traduz em alienação frente à realidade. A perspectiva interdisciplinar pode estimular o pensar na totalidade do conhecimento, na grandeza de desenvolver um professor em todas as suas potencialidades. Incentiva a produção de conceitos novos, o diálogo, o amor, o respeito pela ideia do outro, o trabalho em equipe, a análise crítica e o resgate da autoestima de todos os envolvidos no processo ensinar/aprender.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interdisciplinaridade. Ensino-Aprendizagem. Práxis.

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica do município de Dourados, MS. Email: carehammes@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Email: francys.santana@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora da Educação Básica do município de Campo Grande, MS. Email: ncopetti@gmail.com

Diante as transformações atuais, a atuação do professor reflexivo, como alternativa às dificuldades existentes nos diferentes contextos de escolarização, requer uma postura interdisciplinar. Nesse sentido, o trabalho objetivou compreender a fragmentação dos conhecimentos, divididos nas diferentes disciplinas escolares, com vistas a verificar o trabalho docente e as relações de parceria no contexto escolar.

Como já anunciamos, a sociedade está em constante desenvolvimento, logo, demanda novas exigências em relação ao conhecimento. Contudo, as escolas ainda não conseguem acompanhar tais mudanças, mantendo as mesmas estratégias de transmissão dos conteúdos. Essa fragmentação do saber, exposto na estrutura curricular por meio das disciplinas, se choca com essa nova realidade, tornando-se um complicador e impossibilitando a contextualização.

Diante desse cenário, um trabalho interdisciplinar na escola, no qual docentes possam trocar ideias, conceitos, estratégias sobre um tema, e os estudantes possam aprender determinado assunto, de forma diversificada, é uma saída positiva. Sob a ótica dos PCN (1998), é preciso entender que a educação é uma prática social que precisa da contribuição das outras áreas do conhecimento fundamentando o seu trabalho, de forma interdisciplinar

A compreensão de que o mundo, fragmentado nas diferentes disciplinas aponta à necessidade de estabelecer o diálogo como fonte de inspiração para entender a complexidade da perspectiva interdisciplinar, visto que é por meio do diálogo que todo o ser humano é brindado com a oportunidade de pronunciar a sua palavra, onde outros pensares e fazeres passam a fazer parte do cotidiano do professor. Um processo onde a coletividade tem um papel de perceber o quanto é importante ter ações com a participação do outro, de diferentes pensamentos e maneiras de ver a prática do professor, já que ele trabalha com a singularidade de alunos em diferentes contextos escolares.

Valorizar o individual em uma ambiência coletiva com compreensão, intencionalidade efetivação de novas e melhores parcerias. Parceria aqui entendida como “tentativa de incitar o diálogo com outras formas de conhecimento e interpretação delas” (FAZENDA, 2003a, p.84). A parceria, na atuação docente,

mostra-se essencial, uma oportunidade de realizar elos teóricos - alunos, outros educadores, com a própria ação exercida -, enfim, a vida em pleno movimento. Para Fazenda (2003 a, p.85) “[...] nós educadores sempre somos parceiros; parceiros dos teóricos que lemos, parceiros de outros educadores que lutam por uma educação melhor, parceiros dos nossos alunos, na tentativa da construção de um conhecimento mais elaborado”

Por meio da interdisciplinaridade pode-se realizar a parceria com outras áreas do conhecimento como forma de construir uma melhor percepção da noção de tempo e de espaço, pois “[...] uma prática bem-sucedida contextualiza-se em uma determinada história de vida, que por sua vez é produzida em determinado espaço e num tempo historicamente determinado.” (FAZENDA, 2003a, p.75).

[...] conhecimentos. O tempo para isso é curto, como curta é a vida. A vida se prolonga na confluência de outras vidas que também são curtas, também são breves, mas juntas podem se alongar e assim se eternizar. Tal é o sentido da parceria na interdisciplinaridade. (FAZENDA, 1993, p.13).

Ao trazer essa postura dialógica, essencial para falar na perspectiva interdisciplinar e elucidar esse processo, resgato a dialogicidade de Freire, um autor brasileiro que pronunciou a sua palavra, refletiu sobre ela e a executou. Acreditou no ser humano, na possibilidade de criar o bem, na capacidade de amar. Como afirma esse autor,

[...] não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. Nesse sentido, a comunicação é vida e fator de mais-vida. Mas, se a comunicação e a informação ocorrem ao nível da vida sobre o suporte, imaginemos sua importância e, portanto, a da dialogicidade, na existência humana no mundo. Nesse nível, a comunicação e a informação se servem de sofisticadas linguagens e de instrumentos tecnológicos que “encurtam” o espaço e o tempo. (FREIRE, 2004, p. 74-75).

Nesse sentido, é preciso expressar a palavra por meio do diálogo com os autores que estudam a interdisciplinaridade, a fim de elucidar esse conceito e trazer uma postura com perspectiva interdisciplinar, buscando o conhecimento em sua totalidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. “Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam

para explicá-la” (SANTOS, 2004, p. 115). O todo somente pode ser conhecido pelo conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas por meio do conhecimento do todo.

É essencial, de acordo com Santos (2004), que a disciplina, a parcela da realidade total, possa ser autônoma e, ao mesmo tempo, integrada à realidade total, pois o mundo é um só. Cada disciplina é apenas uma parte autônoma, mas não independente da realidade total. Os materiais constitutivos de todas as disciplinas são os mesmos. Assim, podemos superar verdades parciais, realidades truncadas e conhecimentos fragmentados.

A categoria da totalidade é como uma chave para o entendimento do movimento permanente de dissolução e de recriação de sentido do conjunto indissociável de objetos e ações, já que a consideramos como existindo dentro de um processo permanente de totalização que é, ao mesmo tempo, um processo de unificação e fragmentação e individuação. É assim que os lugares se criam, e se recriam e renovam, a cada movimento da sociedade. (SANTOS, 2004, p. 25).

Sousa Santos (2004) evidencia que não se deve opor e colocar em gavetas à parte os diferentes saberes das áreas didáticas do conhecimento científico, filosófico e artístico. Diz que o paradigma emergente ou os novos paradigmas emergentes batem à porta das ciências e abrem as janelas da educação. Estão chegando para acordar para a ideia de que cada conhecimento só atualiza o seu pleno significado, quando conectado a campos e planos mais e mais integrados de compreensão. Isso fortalece a ideia de que o conhecimento não está pronto e acabado, mas sim em constante processo de construção e reconstrução.

Fazenda (2003) reforça a ideia de que a interdisciplinaridade encontra como base, como alicerçamento para a sua edificação, a filosofia, porque somente a filosofia pode dar à interdisciplinaridade o caráter de totalidade coerente que ela requer. Esse caráter está ligado a um método crítico e reflexivo.

Crítico, no sentido em que pensa as diferentes ciências e seus métodos sob uma atitude imparcial e engajada; imparcial na medida em que não procura um posicionamento tendencioso. O filósofo não está ligado a nenhuma ciência em particular. Reflexivo porque remonta a ação, afastando-se dela para aprendê-la em sua totalidade. O distanciamento da ação possibilita ao filósofo adquirir uma visão sintética da realidade. O não comprometimento com as partes, o poder de análise reflexiva e síntese, característica da atitude filosófica, podem levar os integrantes do processo

interdisciplinar a novas revelações e conseqüentes reformulações de seus objetivos (FAZENDA, 2003 p. 44).

Na obra de Fazenda (2003), encontro o princípio de que o conhecimento interdisciplinar busca a totalidade, se respeitando a especificidade das disciplinas. Além disso, a autora ressalta que a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas, de uma forma reflexiva, dialógica e relacional. “Ela é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto de um tecido bem trançado e flexível” (FAZENDA, 2003, p.29). No conceito explicitado por Fazenda (1993), a interdisciplinaridade é a atitude diante do conhecimento que implica mudança de postura frente à questão do saber e da vida. Acrescenta ela que a interdisciplinaridade se faz em parceria, o que propicia cooperação, trabalho, diálogo entre as pessoas, entre as disciplinas e entre outras formas de conhecimento.

Para compreender a interdisciplinaridade, é importante analisar anteriormente o que vem a ser uma disciplina. Palmade (1979, p. 21) conceitua a disciplina como um “conjunto de conhecimentos que tem suas características próprias no terreno do conhecimento, da formação, dos mecanismos, métodos e matérias”. Pode ser concebida como uma progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo. Conforme Japiassú (1976, p. 61), uma disciplina “deverá antes de tudo estabelecer e definir suas fronteiras constituintes. Fronteiras estas que irão determinar seus objetos materiais e formais, seus métodos, sistemas, conceitos e teorias”. Dessa forma, falar de interdisciplinaridade é evidenciar a interação entre as disciplinas.

De acordo com Japiassú (1976), as relações entre as disciplinas se estabelecem em graus diferenciados: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. As diferenças entre elas emergem das fronteiras entre as disciplinas, sedimentadas historicamente em função dos mais diversos interesses sociais e também entre teorias, paradigmas, campos epistemológicos, profissões e campos de saber/fazer. Tanto nas práticas multidisciplinares quanto nas pluridisciplinares, são realizadas apenas agrupamentos de certos módulos disciplinares, sem relação entre as disciplinas (multidisciplinaridade) ou com algumas relações (pluridisciplinares).

A interdisciplinaridade é um termo que não tem significado único, possuindo diferentes interpretações. Contudo, em todas elas está implícita uma nova postura diante do conhecimento,

[...] uma mudança de atitude em busca da complementaridade do pensamento, uma transgressão disciplinar, [...] busca de ultrapassagem das fronteiras estabelecidas arbitrariamente num dado momento histórico, como tentativa de resgate da totalidade (FERNANDES, 1999 p.18).

Em termos de interdisciplinaridade, Japiassú (1976) traz a ideia de que os diversos campos do saber estabelecem interações, conexões e diálogo. As relações de poder entre as disciplinas se dão de forma horizontal. Japiassú foi um dos primeiros a pesquisar sobre o tema, explicando a interdisciplinaridade como sendo a axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definidas no nível hierárquico e imediatamente superior, introduzindo, assim, a noção de finalidade. Ao explicar o conceito de uma forma mais detalhada, ele concebe a interdisciplinaridade como

[...] uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico e de sua divisão epistemológica, exigindo que as disciplinas científicas, em seu processo constante e desejável de interpenetração, fecundem-se cada vez mais reciprocamente, a interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si. Esta interação pode ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. Ela torna possível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p.145).

Partindo dessa concepção de interdisciplinaridade, duas ou mais disciplinas entram num processo de interação e, ao mesmo tempo, num possível diálogo em pé de igualdade, evitando a supremacia de uma sobre as demais. As trocas são recíprocas e o enriquecimento pode ser mútuo. São colocados em comum não somente os axiomas e os conceitos fundamentais, como também os próprios métodos.

Em suma, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais, parece se mostrar como uma prática individual e coletiva. Individual, por ser fundamental uma atitude de curiosidade, de abertura, de descoberta, de desejo de aprender com outros enfoques. Coletiva, pois não pode haver nenhum confronto

sólido entre as disciplinas sem o contato efetivo de representantes qualificados de cada uma delas. Japiassú (1976, p. 82) diz que,

[...] é preciso que estejam todos abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude de abertura no decorrer do trabalho em equipe interdisciplinar.

A perspectiva interdisciplinar visa à intercomunicação e à interação dinâmica entre as disciplinas. Contribui para uma nova visão de conhecimento, mobiliza a transformação de metodologias, a construção de conceitos, a cooperação e conduz ao enriquecimento mútuo dos envolvidos. Dessa forma, a interdisciplinaridade difere da concepção de pluri ou multidisciplinaridade, as quais apenas justapõem conteúdo. A postura interdisciplinar é compreendida como o estudo do desenvolvimento de um processo dinâmico, integrador e, sobretudo, dialógico, intensificando as trocas entre os especialistas e a integração dos conhecimentos.

Em uma perspectiva filosófica, Rios (2003, p. 43) destaca que, neste mundo complexo, também se tornam mais complexas as tarefas dos professores. Ressalta que “um mundo fragmentado exige, para a superação da fragmentação, uma visão de totalidade, um olhar abrangente e, no que diz respeito ao ensino, à articulação estreita dos saberes e capacidades”.

Na visão de Freire (2005), a finalidade da interdisciplinaridade é estimular uma educação do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas visões parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto a outro, ou um problema a outro. Para isso, não se pode

[...] falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, [...] ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. [...] Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seria mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (FREIRE, 2005, p. 65-66).

Precisa existir, no ambiente interdisciplinar, um diálogo, tanto entre os pares — colegas e professores — quanto entre as disciplinas e seus respectivos conteúdos, para que haja troca de ideias. Para Freire (1987), o diálogo começa quando o

professor pergunta em torno "de quê" ele vai dialogar com seus alunos. O diálogo, mantido no ambiente interdisciplinar, deve ajudar a estabelecer a comunicação e a cooperação entre alunos e professores.

O trabalho interdisciplinar envolve um rigor epistemológico. Isso implica uma mudança de atitude do professor que, por sua vez, refletirá na mudança de postura do aluno frente ao conhecimento. Tanto o professor quanto o aluno tendem a mudar para compreender que o conhecimento não existe, *a priori*, pronto e acabado - faz parte do compromisso de ambos participarem da elaboração do mesmo. Isso se dá por meio de uma atitude interdisciplinar que,

[...] ante alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos não consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, ao consigo mesmo, atitude de humildade ante a limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade, ante o novo, desafio em redimensionar o velho; atitude de envolvimento e de comprometimento com os projetos e com as pessoas nelas envolvidas; atitude, pois de comprometimento em construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida. (FAZENDA, 2003, p. 75).

O educador gera o encontro com o outro, para a troca, cooperação e parceria. Ela surge da necessidade de trocas, da solidão dos profissionais em relação às instituições que habitam ou da própria condição de sobrevivência do conhecimento educacional. Se constitui em uma forma de incentivar o diálogo com outras formas de conhecimento que muitas vezes não fazem parte do nosso cotidiano e com o senso comum. (FAZENDA, 2003). A parceria promove o encontrar-se com o outro do outro, com o conhecimento, de se conhecer e por meio disso, melhorar como pessoa e melhorar a própria prática. Sabermos de nós mesmos por meio do outro "Executar uma tarefa interdisciplinar pressupõe antes de mais nada um ato de perceber-se interdisciplinar" (FAZENDA, 2003a, p.77).

Na medida em que acreditamos que o educador precisa estar sempre se apropriando de novos e múltiplos conhecimentos, verificamos que o tempo para isso é curto, assim como curta é a vida. A vida entretanto, prolonga-se na confluência das outras tantas vidas, que também são curtas, que também são breves, mas que na sua confluência podem se alongar, se eternizar. (FAZENDA, 2003a, p. 85).

A autora coloca em evidência que "o professor construtor de pontes, cria condições para a aprendizagem, num ambiente de multiplicação e de associação na

relação entre o pensar individual e coletivo, conhecer e ser, teoria e prática, velho e novo” (FAZENDA, 2001, p. 78). Por essa razão é importante valorizar iniciativas de professores, como projetos e outras ideias que podem irradiar para um contexto maior.

Nesse processo é essencial respeitar como é cada professor, promover a autonomia na prática docente, ou seja, “criar espaços de intersecção, onde eu e o outro, sem abrir mão de suas características e de sua diversidade, abrem-se disponíveis para a troca e para a transformação” (FAZENDA, 2001, p. 168). A prática docente de cada professor é única e não pode simplesmente ser transferida, mas analisada em todos os seus aspectos para ampliação de aspectos não desvendados. Para isso é necessário rigor, intencionalidade e não simplesmente improvisação e acomodação.

Isso significa conhecer o que já foi realizado para que possam ser criadas outras práticas. Pode ser um momento de repensar, recriar a ação em sala de aula ao olhar o velho com outro olhar, ou seja, considerar o que já foi realizado para que práticas novas possam ser criadas. Esse pode ser um momento de inovação e criatividade. Varella (2012, p.128) afirma que a “criatividade é o alimento para a alma. Significa então que precisamos alimentá-la a cada instante para não morreremos, para não cairmos na tristeza ou desânimo”.

Ao referir-se a prática interdisciplinar, Fazenda (2003a) pontua que ela apresenta como base a possibilidade de “trocas intersubjetivas, estimular o autoconhecimento sobre a prática de cada um e contribuir para a ampliação da leitura de aspectos não desvendados das práticas cotidianas” (FAZENDA, 2003a, p.79). Isso é movimento de vida, de olhar o velho e novo ser ressignificado está nas ações de professores interdisciplinares. Fazenda (2001) trata da necessidade de revisitar o velho para encontrar o novo, o diferente. “Negar o velho, substituindo-o pelo novo, é um princípio oposto a uma atitude interdisciplinar [...]. A pesquisa interdisciplinar parte do velho, analisando-o em todas as suas potencialidades”. (FAZENDA, 2001, p.16). Salienta a importância de uma ação interdisciplinar.

Tão significativo quanto o resultado de uma ação realizada, é o caminho percorrido no movimento de um outro fazer em sala de aula. Isso pode ser realizado por meio da pesquisa da prática docente “delinear seus contornos e seus perfis. Explicitar o movimento das ações educacionalmente exercidas é sobretudo intuir-lhes o sentido da vida que

as contempla, o símbolo que as nutre e conduz – para tanto torna-se indispensável cuidar dos registros das ações a ser pesquisadas.” (FAZENDA, 2001, p.15 ).

Por isso é importante que o professor saiba reinventar, recriar e repensar a sua prática docente, para que seu ser e seu fazer tenha sentido para os envolvidos, que estão sempre em processo. O caminho dessa atuação terá reconhecimento se tiver como alicerce a pesquisa, pois ela pode mostrar outras possibilidades em práticas interdisciplinares, além de fortalecer o professor, tornando-o um pesquisador da própria prática, produtor de conhecimento, “mas não é de um conhecimento qualquer, mas daquele que se registra, se elabora, se alicerça, se amplia e se reconstrói. Conhecimento próprio do ser humano que existe, sempre, em toda a sua vida, tenha ele zero, cinco, dez ou oitenta anos”. (FAZENDA, 2003, p. 139).

É necessária uma metodologia bem definida ao realizar um trabalho interdisciplinar. Só assim é possível iniciar a construção do conhecimento voltado para a inter-relação entre as disciplinas e os conteúdos dessas, o que levará à inter-relação e à conexão entre os conhecimentos de forma consciente. Japiassú (1976) diz que a metodologia se faz necessária como um meio que possibilita atingir um determinado objetivo cognitivo. Isso pode ser desenvolvido na forma como as práticas se organizam, no diálogo entre os professores e destes com os alunos, como são estabelecidas as etapas de trabalho, os espaços que são ocupados, as fontes que servem como referenciais, a forma como são construídos os conceitos e outros.

Os conceitos a serem trabalhados em um ambiente interdisciplinar necessitam ser apresentados de forma contextualizada para que adquiram um significado e tenham sentido. A fragmentação do conhecimento não conduz à crítica, pelo contrário, se traduz em alienação frente à realidade. A perspectiva interdisciplinar pode estimular o pensar na totalidade do conhecimento, na grandeza de desenvolver um professor em todas as suas potencialidades. Incentiva a produção de conceitos novos, o diálogo, o amor, o respeito pela ideia do outro, o trabalho em equipe, a análise crítica e o resgate da autoestima de todos os envolvidos no processo da aprendizagem.

Assim, por meio da interdisciplinaridade, pode ser realizada a parceria com outras áreas do conhecimento como forma de construir uma melhor percepção da

noção de tempo e de espaço, ou mesmo de outra forma de conhecimento. Desse modo, são estabelecidas redes, contatos com o mundo da vida, com os lugares locais ou globais, imaginados ou virtuais, enfim, com a educação em sua grande função de repensar a caminhada humana.

## REFERÊNCIAS

- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade**. *Um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1993.
- FAZENDA, I. C. A. (Org.). **A academia vai à escola**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- FAZENDA, I. C. A.. **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, I. C. A.. **Didática e interdisciplinaridade**. 13. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.
- FAZENDA, I. C. A.. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia? 5. ed. São Paulo: Loyola, 1998. (Coleção Realidade Educacional; 4).
- FAZENDA, I. C. A.. **Interdisciplinaridade na formação de professores**: da teoria à prática. Canoas: Editora ULBRA, 1991.
- FAZENDA, I. C. A.. **Interdisciplinaridade**: história teoria e pesquisa. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003a.
- FAZENDA, I. C. A.. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 1994.
- FAZENDA, I. C. A.. **Práticas interdisciplinares na escola**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1979.
- FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Sala de Aula Universitária – ruptura, memória educativa, territorialidade – o desafio da construção pedagógica do conhecimento**. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientadora: Doutora Denise Leite.1999.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **À Sombra desta Mangueira**. 4. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água. 2004.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia. O cotidiano do professor.** 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (Org.). **Fazer escola conhecendo a vida.** São Paulo: Papyrus, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho.** 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 3 ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar:** fundamentos teórico-metodológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Loyola, 2001. Tomo III.  
MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia.** Pequena história crítica. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

PALMADE, Guy. **Interdisciplinarietà e Ideologias.** Espanha/Madrid: Narcea, S, A de Ediciones, 1979.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar. Por uma docência da melhor qualidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: Hucitec, 1990.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um Discurso sobre as Ciências.** 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.